

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**JORDANA MARIA ALMEIDA SANTOS
LUCIENE BARBOSA DA SILVA**

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL E DAS PRÁTICAS DE LEITURANA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Maceió
2024**

**JORDANA MARIA ALMEIDA SANTOS
LUCIENE BARBOSA DA SILVA**

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL E DAS PRÁTICAS DE LEITURANA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Profª Drª Ana Maria dos Santos

Maceió
2024

Jordana Maria Almeida Santos

Luciene Barbosa da Silva

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL E DAS PRÁTICAS DE LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 06/12/2024.

Orientadora: Profª Drª Ana Maria dos Santos (CEDU/UFAL)

Comissão Examinadora

Profª Drª Ana Maria dos Santos (CEDU/UFAL)
Presidente

Profª Drª Renata da Costa Maynard (CEDU/UFAL)
2º Membro

Profª Ma. Simone de Souza Silva (SEMED/Maceió)
3º Membro

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL E DAS PRÁTICAS DE LEITURANA EDUCAÇÃO INFANTIL

Jordana Maria Almeida Santos¹
jordana.santos@cedu.ufal.br

Luciene Barbosa da Silva²
lucienesisi@hotmail.com

Ana Maria dos Santos³
ana.maria@cedu.ufal.br

Resumo

O presente artigo aborda a importância da literatura infantil no contexto da pré-escola. Como objetivos, pretende-se apresentar brevemente a trajetória da literatura infantil no Brasil; discutir a importância de práticas de leitura na educação infantil para a formação de crianças pequenas e refletir sobre as estratégias de ler e contar história. A metodologia utilizada se deu a partir de uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica, com o intuito de acessar obras e autores que pesquisam a temática. Para a análise, recorremos a autores como Lajolo e Zilberman (2010), Abramovich (2009), Zilberman (2012), Freire (1989), Corsino et al (2016), Colomer (2016), entre outros. Com base no estudo realizado, compreende-se que a literatura infantil desempenha um papel fundamental na formação de crianças pequenas, sendo o ambiente escolar um espaço privilegiado de acesso às práticas de leitura e ampliação do universo literário de crianças da educação infantil.

Palavras-chaves: Literatura Infantil. Educação Infantil. Práticas de Leitura.

1. Introdução

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (2010), a infância é entendida como uma fase fundamental do desenvolvimento humano. Ela abrange o período que vai de zero até cinco anos de idade e é caracterizada por um momento de inúmeras descobertas e aprendizagens. Deve ser vista como uma fase de brincadeira, interação e construção de

¹ Licencianda do Curso de Pedagogia do CEDU/UFAL

² Licencianda do Curso de Pedagogia do CEDU/UFAL

³ Profª do Curso de Pedagogia do CEDU/UFAL.

conhecimentos, em que as experiências lúdicas são essenciais para o desenvolvimento integral da criança.

Diante disso, compreende-se a Infância como o período das descobertas, assim, nessa etapa o desenvolvimento e a aprendizagem são evidenciados e a literatura infantil é um suporte para a experimentação do mundo que pode ser trabalhado para facilitar a aquisição de conhecimentos por meio das práticas de leitura, da escuta, interações, imitações e improvisações.

Assim, a relevância dessa pesquisa sobre a importância das práticas de leitura literária com crianças da pré-escola, se dá a partir da necessidade de pensar que as experiências leitoras são essenciais no processo de desenvolvimento e aprendizagem de crianças pequenas, tendo em vista se constituir em uma experiência que gera relações afetivas que nos marcam no decorrer da vida.

Entendemos que muitas vezes, a Instituição de Educação Infantil (IEI) é o único espaço em que as crianças entram em contato com os livros e com práticas efetivas de leitura, sendo incentivadas a explorar e folhear livros e outros materiais impressos, como também a ouvir a leitura de diferentes gêneros textuais e ser levada a assumir a posição de leitora.

Neste estudo, um ponto que merece destaque consiste em discutir como ocorrem as práticas de formação de leitores através da leitura e da contação de história, experiências distintas, porém, complementares, sendo necessário considerar as suas particularidades e modos de apresentação.

A metodologia utilizada nesse trabalho se deu a partir de uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica, com o intuito de acessar obras e autores que discutem o tema, visando uma discussão teórica consistente sobre o objeto de estudo, pois, de acordo com Gil (1999), a pesquisa bibliográfica é realizada com base em escritos já existentes, como livros e artigos científicos.

O estudo está organizado em três seções: a primeira apresenta uma breve trajetória da literatura infantil no Brasil; na segunda, discute-se a importância das práticas de leitura na Educação Infantil e, na terceira seção, buscamos refletir acerca da leitura e da contação de história como experiências distintas e ao mesmo tempo complementares no processo de formação de crianças leitoras.

2. Breve trajetória da literatura infantil no Brasil

A literatura infantil tem sua origem na Europa por volta do século XVII quando Charles Perrault publicou os contos da mamãe Gansa. Antes disso, não se escrevia para crianças, elas eram vistas como incapazes de contribuir com a sociedade e a cultura, pois a infância não era reconhecida. De acordo com a DCNEI (2010), hoje a criança é reconhecida como sujeito histórico e de direitos, capaz de produzir cultura e construir conhecimento.

De acordo com a análise de Colomer (2017, p. 99), os primeiros livros destinados às crianças tinham como finalidade cumprir uma função social. Eram criados para ensinar as crianças a se comportarem, mostrando como serem obedientes ou bondosas. No entanto, o que literalmente acontecia era que essas narrativas se distanciavam da verdadeira ação educativa da literatura, elas atuavam em um nível mais profundo e sutil.

No Brasil, a trajetória da literatura infantil é relativamente recente, emergindo de maneira mais significativa apenas no final do século XIX e início do século XX. O surgimento de uma produção literária infantil no Brasil pode ser vinculado à implantação da Imprensa Régia. Conforme Lajolo e Zilberman (2010, p.23-24), "Com a implantação da Imprensa Régia, que inicia, oficialmente, em 1808, a atividade editorial no Brasil, começam a publicar-se livros para crianças [...], mas essas publicações eram esporádicas". Essas primeiras iniciativas editoriais, ainda que esporádicas, pavimentaram o caminho para uma produção literária mais regular voltada para o público infantil.

A consolidação da literatura infantil no Brasil está intrinsecamente ligada às transformações sociais e políticas do país, particularmente em momentos cruciais como a Proclamação da República. Dentro desse panorama histórico, destaca-se o impacto da urbanização e industrialização na criação de um mercado consumidor para produtos culturais infantis.

Essa dinâmica econômica facilitou a emergência de um público infantil urbano e ávido por novos produtos culturais. Este contexto de rápida urbanização, ocorrido entre o final do século XIX e o começo do século XX, foi crucial para o surgimento da literatura infantil no Brasil. Nesse contexto de crescimento e desenvolvimento da literatura infantil, surge uma reflexão sobre o papel dos intelectuais na promoção dessa vertente literária.

A resposta está nas condições de produção literária da época, onde mesmo os escritores que buscavam aparentar indiferença não podiam fugir à luta por um

público consumidor. Além disso, os escritores que se dedicaram à literatura infantil mantinham a coerência com as normas literárias gerais, garantindo a formação de futuros leitores. Essa prática frequentemente enfatiza as virtudes do texto e as boas intenções do autor, características que, embora menos presentes na literatura não infantil, foram essenciais para o surgimento da literatura infantil em sociedades modernas.

Os escritos para crianças eram narrativas que transmitiam lições de moral, ao passar dos anos começou a explorar e dá ênfase questões emocionais, imaginativas e sociais, permitindo que elas construam suas próprias experiências e sentimentos. Dessa maneira, a literatura para crianças não apenas cumpria uma função didática, mas também se tornava um momento de reflexão e autodescoberta, contribuindo para o desenvolvimento integral do indivíduo.

Apesar do passar dos anos, é importante destacar que, atualmente, muitos livros ainda buscam um enfoque didatizante. O que diferenciou foram os valores que agora se enfatizam, a criatividade, a solidariedade e a cidadania. É fundamental entender que os livros representam uma fonte de socialização que as crianças encontram em seu desenvolvimento. Colomer (2016), enfatiza que “o problema é conseguir que esse mundo seja oferecido “a partir da literatura” e não “a partir da pedagogia”. Dessa maneira, o desafio está em apresentar essas questões por meio da literatura, em vez de uma abordagem pedagógica direta.

3. A importância das práticas de leituras na Educação infantil

A Educação Infantil deve ser um espaço de experiências significativas, possibilitando à criança brincar, explorar, interagir e aprender de maneira lúdica (Brasil, 2010). Dessa forma, o espaço escolar é reconhecido como um ambiente enriquecedor, perpassado de vivências insubstituíveis que respeitam e valorizam os pequenos em suas singularidades.

É indiscutível que os livros de literatura infantil, quando são trabalhados efetivamente na rotina diária desde a primeira etapa da educação básica, oferecem momentos insubstituíveis e múltiplos acesso ao saber. Corsino et al. (2016) ressaltam que “[...] muito aprendemos com a literatura: a nos conhecer, a conhecer o outro, a conhecer o mundo e nos entender nele”.

Ao tratar sobre a relevância das histórias para as crianças, Abramovich (2010) afirma que

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... E ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento [...] (Abramovich, 2010, p.17).

Assim, compreende-se que a literatura infantil atua como uma ponte para o conhecimento de si e do mundo. Ao mergulhar em narrativas, os leitores têm a oportunidade de explorar novas culturas, épocas e formas de vida, tudo isso de maneira intuitiva e prazerosa, proporcionando uma forma rica e envolvente de compreender diferentes aspectos da realidade, ressignificando-os.

A literatura não pode ser tratada como um mero instrumento didático, pois assim correria o risco de perder sua essência, que é estimular a curiosidade e a imaginação. A verdadeira literatura deve ser um espaço de exploração, onde o leitor é convidado a questionar, refletir e expandir suas perspectivas sem sentir que está em uma sala de aula. Essa liberdade é fundamental para o desenvolvimento crítico e criativo das crianças, permitindo-lhes se envolver em informações e formar suas próprias opiniões e visões de mundo. Acerca da leitura de mundo, Freire (2010) contribui com nossas reflexões, afirmando que “[...] a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade daquele.”

Desde os primeiros anos de vida, as crianças nas suas vivências e experiências, fazem as suas próprias leituras de mundo, percebendo falas, gestos, ambientes, cheiros e, de modo geral, lendo tudo o que a cerca, incluindo os adultos.

As práticas de leituras são experiências encantadoras na formação das crianças pequenas, pois desempenham uma função crucial na infância. Abramovich (2010, p.16) destaca,

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [...].

Nesse sentido, ouvir histórias desde a infância é o ponto de partida para desenvolver o gosto pela leitura e leva os pequenos a ampliarem seus repertórios,

desenvolver a criatividade e a imaginação, além de ser um instrumento mediador do conhecimento de mundo.

As práticas de leituras podem ser vivenciadas em qualquer ambiente em bibliotecas, sala de leituras, pátio, praças etc. Entende-se que tanto na escola quanto no ambiente familiar e em outros espaços sociais as práticas de leituras podem assumir um lugar privilegiado na formação de crianças leitoras, sendo assim, são fundamentais para proporcionar referências de leituras tanto da palavra quanto do mundo. A leitura deve se tornar uma prática permanente de forma aconchegante e significativa na rotina da criança.

O momento de leitura compartilhado entre crianças-crianças e adultos é um momento de acolhimento, fortalece os laços afetivos, criando um ambiente mágico e divertido que favorece a imaginação, a curiosidade, a autoestima, a alegria e o bem-estar emocional das crianças. Abramovich (2010, p.16), esclarece que “o primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente”, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias [...]”.

Nesse sentido, a família desempenha um papel importante na formação das crianças leitoras, pois é o primeiro ambiente que elas desenvolvem o hábito e o prazer pela leitura. No entanto, muitas vezes, a instituição de ensino é o único espaço em que a criança entra em contato com as práticas leitoras, por isso, as práticas de leitura na educação infantil contribuem diretamente com a formação de leitores. Colomer (2016) evidencia que é fundamental ler para e com as crianças, pois é no ambiente familiar e com a orientação dos professores, ao serem incentivadas à leitura em conjunto, que elas começam a descobrir o prazer pelos livros.

A Educação infantil é a primeira etapa da educação básica no Brasil, quando os momentos de leitura são fomentados desde os primeiros momentos da criança na instituição, propicia inúmeros benefícios, à leitura desde a mais tenra idade amplia os repertórios das crianças pequenas, suas habilidades linguísticas, seu vocabulário, melhorando a compreensão verbal e estimulando a capacidade de expressão de meninos e meninas.

O ato de ler histórias estimula e desenvolve a imaginação das crianças, levando-as a explorar novos mundos, personagens e situações. Isso contribui para o desenvolvimento da criatividade e da capacidade de resolver problemas de forma inovadora.

Além disso, a leitura diária contribui para o desenvolvimento da empatia e do senso crítico, uma vez que através das histórias a criança pode se colocar no lugar de diferentes personagens, compreender diferentes pontos de vista e aprender valores importantes. Também ajuda a lidar com sentimentos e situações complexas. Por meio das histórias, ela pode identificar e compreender suas próprias emoções.

A leitura na educação infantil também auxilia no desenvolvimento da capacidade de concentração, atenção e memória, na ampliação do repertório cultural e no estímulo ao pensamento crítico. Através da leitura, as crianças têm a oportunidade de explorar, sendo o campo experimental o melhor recurso para o desenvolvimento humano.

Os livros infantis têm o poder de transportar as crianças para mundos de imaginação e criatividade. Com suas histórias envolventes e personagens cativantes, essas narrativas estimulam a curiosidade, incentivam a empatia e promovem valores importantes, como a amizade e a superação de desafios. Além disso, as histórias, os contos, as fábulas, dentre outros, contribuem para o desenvolvimento da linguagem, da cognição e da habilidade de leitura das crianças. Com ilustrações coloridas e narrativas envolventes, os livros infantis são verdadeiros tesouros que ajudam a criar memórias afetivas e despertam o amor pela leitura desde cedo.

Dessa forma, percebe-se que as práticas de leitura são ferramentas poderosas que nos permitem nos conectar, aprender, inspirar e crescer. Ampliam pontos de vista e culturas, o que ajuda a desenvolver o pensamento crítico, a capacidade de análise e a empatia, preparando-nos para lidar com a diversidade e a complexidade do mundo. São essenciais para a comunicação, expressão e compartilhamento de experiências culturais, enriquecendo o universo sócio-histórico e cultural como um todo.

3.1 Leitura e contação de histórias: duas experiências distintas e complementares

A leitura e a contação de histórias são duas práticas muito importantes e distintas que envolvem o público em narrativas literárias. Entendemos por leitura o ato de ler diretamente um texto e esta ação está intrinsecamente ligada ao texto

escrito, quem lê se tornará o narrador interno da história e precisa ser fiel ao escrito. Enquanto a contação de histórias é uma arte que trabalha o uso da voz, sem necessariamente contar com a presença do texto escrito, quem conta uma narrativa transporta os ouvintes para um mundo da imaginação.

Sobre a prática de ler para as crianças, Abramovich (2010) ressalta que,

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento [...] (Abramovich, 2010, p.17).

Neste sentido, é importante que o leitor se envolva no interior da narrativa e possa aproveitar o texto, seguindo o ritmo, parar no momento propício, utilizar das sonoridades das frases para gargalhar, sussurrar, criar suspense, se surpreender ou confirmar suas hipóteses. Além disso, pelo fato de se tratar do público infantil, não significa que o mediador de leitura vai realizar a leitura de qualquer maneira, ele precisa antes de ler para as crianças, conhecer a história, ler o texto, estar familiarizado com os autores, com o livro, com as palavras, com os ritmos e com a mensagem que o livro partilha. Ler o livro antes é crucial para poder passar as emoções e o encantamento que ele carrega.

Sobre leitura de narrativas Corsino et al. (2016) destacam que,

Ora atrás das palavras, ora à frente delas, as crianças vão acompanhando a leitura pela voz, geralmente, de um adulto. Vão seguindo o texto guiado pelos olhares, gestos, entonações e pausas do leitor intérprete. E é essa leitura de ouvido, a partir da performance do outro que empresta sua voz ao texto, que possibilita às crianças pequenas entrarem no texto escrito. Entretanto, entrar é mais que acompanhar, é compreender, pensar, imaginar e até mesmo ser capturado pelo texto. (Corsino, et al., 2016, p.25).

Dessa maneira, entende-se que a leitura de um livro envolve um processo ativo de interpretação, imaginação e conexão afetiva com a narrativa. Quando as crianças acompanham a leitura através da voz do narrador, é importante a interação entre leitor e ouvinte. A performance do adulto, seus olhares, gestos e entonações servem como um guia que não só dá vida ao texto, mas também ajuda as crianças a internalizarem o significado das palavras.

A leitura em voz alta com acompanhamento gestual se torna um momento muito importante e pode ser usado como uma tática para capturar a atenção das

crianças e esses gestos promovem uma melhor compreensão do que está sendo narrado, facilitando um possível reconto. Essa prática torna a experiência mais envolvente, intensa, estimulando assim o interesse e a participação ativa dos ouvintes.

Ao adicionar gestos, o narrador de histórias transforma a narrativa em algo mais visual, lúdico e dinâmico, tornando mais fácil a compreensão e despertando a imaginação dos pequenos. Isso não apenas mantém as crianças focadas, atentas e envolvidas, mas também incentiva uma reflexão mais profunda sobre o conteúdo da história, promovendo um aprendizado mais significativo.

O momento da leitura, quando orientado para a compreensão, precisa que apoios sejam oferecidos durante essa atividade, os quais são efetivados por meio da performance do leitor: suas expressões, modulações e tom de voz, objetos e outros recursos que privilegiam a identificação de elementos e o estabelecimento de relações que acompanham o processo compreensivo das crianças.

As interações, por meio da leitura de livros, quando realizadas de maneira significativa, os textos ganham sentido, as crianças se envolvem com a narração, além de compreender o leitor, aprende a se expressar verbalmente ampliando seus repertórios. Dessa forma, as crianças se colocam no lugar de pequenos leitores.

Sepúlveda e Teberosky (2016) fomenta que as professoras, certamente, podem usar as narrativas literárias como valiosas ferramentas para ampliar a qualidade da linguagem nos diálogos que criam com meninos e meninas. Diversos estudos mostram claramente que a leitura de livros literários são ótimas práticas para estimular o desenvolvimento da linguagem nas crianças.

Em complemento, Sepúlveda e Teberosky (2016) esclarecem que,

Os primeiros anos são cruciais no desenvolvimento da linguagem das crianças. Até os cinco anos, quando instigadas a participar de situações em que são chamadas a falar e emitir opiniões, geralmente elas apresentam uma fala compreensível. Já conhecem palavras diferentes, começam a compreender o significado de expressões idiomáticas e de algumas metáforas concretas. (Sepúlveda e Teberosky, 2016, p.61).

Dessa forma, a infância é um período importante para o desenvolvimento da linguagem. Nessa fase as crianças pequenas, estão em uma grande experimentação linguística. Quando estimuladas a participar das interações e a expressar suas opiniões, elas melhoram sua fala, a compreensão linguística e

ampliam seu vocabulário. Um espaço rico em estímulos e a prática da linguagem contribuem significativamente.

Mostrar às crianças que o que foi narrado foi através de um livro é essencial para estimular o contato, levando-as a tocar, folhear, explorar e se encantar. Quando elas veem a ligação entre a narrativa e o objeto físico do livro, elas começam a entender o valor e a magia que estão contidos nas páginas. Abramovich (2009, p.22) orienta que “quando a criança for manusear o livro sozinha, que o folheie bem folheado, que olhe tanto quanto queira, que explore sua forma, que se delicie em retirá-lo da estante (encontrando-o sozinha, em casa ou na escola)”.

Entende-se que esse momento de tocar, folhear e explorar os livros estimula a curiosidade, além de promover habilidades motoras e cognitivas. O manuseio dos livros possibilita que as crianças desenvolvam uma relação mais íntima com a leitura, tornando-a uma experiência sensorial. O ato de virar as páginas e observar as ilustrações é bastante envolvente, ajuda a criar uma memória afetiva que conecta o prazer da leitura a momentos de exploração. Essa interação física e emocional com os livros é fundamental para cultivar o amor pela leitura.

Existem também os livros sem palavras abertas, eles oferecem uma variedade de possibilidades para a narrativa visual. Editores ao redor do mundo criam obras fascinantes que partilham histórias por meio de ilustrações ou fotografias, sem recorrer ao uso de texto. Esses livros, frequentemente interativos, proporcionam às crianças a oportunidade de inventar suas próprias histórias a partir das imagens.

A capacidade de narrar uma história de maneira rápida e envolvente, utilizando exclusivamente imagens, é uma habilidade que muitos leitores de histórias que dominam com maestria. Esses livros, além de cativarem pela forma visual, o contador pode dar a oportunidade às crianças participar da criação da história inserindo as falas dos pequenos durante o enredo, podendo construir suas próprias narrativas a partir das cenas, combinando-as, criando conexões sonoras e explorando novas possibilidades. Quando executada com competência, a narrativa visual é harmônica, atraente e provocante, proporcionando uma experiência de leitura rica em imaginação e criatividade.

Ademais, a escolha de um bom livro é fundamental, quando o mediador conhece as crianças, suas experiências, o momento que estão vivendo, isso, o leva a selecionar referenciais que possam trabalhar o contexto social e emocional delas.

De acordo com Goulart e Mata (2016),

O avanço das crianças nos seus processos de aprendizagem depende muito da compreensão e do respeito por seus modos próprios de brincar e ler o mundo, pelo jeito como falam, representam, estabelecem relações e criam sentidos para o mundo. Conhecendo os saberes das crianças – suas histórias, experiências, desejos, brincadeiras –, as professoras podem se sentir mais preparadas e legitimadas para selecionar materiais e planejar situações e atividades mais vivas, dinâmicas, interessantes, nas quais as crianças participem ativamente e aprendam de maneira significativa. (Goulart e Mata, 2016, p.55).

É dessa maneira que as práticas de leituras devem ser pensadas e realizadas com referências importantes para atender as singularidades da infância, assim como, o contexto cultural que elas vivem em sociedade para atuar com significação nas suas experiências no espaço de educação infantil.

Verificar as características das ilustrações em livros infantis é fundamental para não reforçar estereótipos. As imagens podem fomentar preconceitos de maneira discreta, perpetuando visões restritas sobre as pessoas e o mundo. É crucial analisar as representações de poder, estética e moralidade nas obras infantis, visando romper com esses estereótipos e ampliar os referenciais. Diante disso, Abramovich reforça,

[...] ficar atento aos estereótipos, estreitadores da visão das pessoas e de sua forma de agir e de ser [...] O resultado visual até pode ser bonito (e é, muitas e muitas vezes) [...] afinal, preconceitos não se passam apenas através de palavras, mas também e muito!! através de imagens. (Abramovich, 2010, p.40).

Dessa forma, a análise crítica das imagens, especialmente em contextos como a literatura infantil, embora a estética visual possa ser atraente e envolvente, é essencial reconhecer que as ilustrações têm o poder de moldar percepções e atitudes. Os estereótipos, que muitas vezes se escondem atrás de uma aparência bonita, podem estreitar a visão das crianças sobre o mundo e limitar suas formas de agir e ser.

A respeito das diversidades de livros direcionados para crianças, Sepúlveda e Teberosky (2016), esclarecem que,

Há diferentes tipos de livros dirigidos às crianças: as obras não ficcionais – de vocabulários, textos informativos; as obras ficcionais – poemas, jogos de linguagem e histórias, entre outros. Aquelas obras com reconhecida qualidade literária (selecionadas, avaliadas, premiadas) contêm textos e

ilustrações que podem instigar muitas visitas, dando lugar sempre a releituras, recontos e representações. (Sepúlveda e Teberosky, 2016, p.68).

Com isso, entende-se que há uma variedade de narrativas e que as obras pensadas e elaboradas, de acordo com as singularidades das crianças, de fato surgem efeitos significativos e provocam releituras e recontos. Textos e ilustrações capturam a atenção, a curiosidade das crianças e incentivam a exploração e a interação com a narrativa.

É importante destacar a relevância de organizar atividades com as crianças que incluem uma variedade de gêneros nas práticas de leituras. Goulart e Mata (2016) destacam,

Daí ressaltamos a importância de planejar atividades com as crianças em que as conversas envolvam gêneros diversos, para que elas ampliem suas possibilidades de viver e de falar sobre a vida. E atividades que também envolvam leitura de textos escritos, não para alfabetizar as crianças, mas para levá-las a perceber cada vez melhor os meandros da cultura escrita, por meio do conhecimento de diferentes gêneros: fábulas, histórias, piadas, adivinhações, biografias, bilhetes, instruções, entre muitos e muitos outros. (Goulart e Mata, 2016, p.55).

Tais interações enriquecem o repertório cultural das crianças e ampliam suas possibilidades de vivência e expressão sobre o mundo ao seu redor. A variedade de gêneros contribui para o desenvolvimento da linguagem e do pensamento crítico. Essa interação com gêneros diversos, as crianças começam a entender o contexto social e cultural no qual esses textos estão inseridos.

Acerca da contação de história que se trata da narração de forma oral, o narrador utiliza a voz, expressões, humor, gestos para contar histórias de maneira a cativar o público.

Segundo Abramovich (2010),

Ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores... E encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, poetura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca... (desde que seja boa). (Abramovich, 2010, p.24).

Ouvir histórias é de fato uma experiência rica e profunda, é um momento de puro prazer e encantamento, capaz de envolver tanto as crianças quanto os adultos.

Para a criança que ainda não lê de fato a história narrada é o seu livro, um universo de descobertas e sensações.

Uma boa história desperta várias emoções e sentimentos, seja ela de pertencimento ou encantamento, vai desde o riso solto até a saudade que toca o coração. Ela provoca inquietude, abre caminhos para novos pensamentos e revive lembranças adormecidas e desperta a imaginação.

E é justamente essa interação que transforma uma simples narrativa em uma experiência de vida, repleta de belezas e encantamentos que somente as boas histórias conseguem provocar.

O suspense, por exemplo, envolve o ouvinte na sede de desvendar o fim do enredo, atraem olhares pausados, cheios de curiosidades e o desfecho muitas vezes causa euforia ou tristeza. Ao mesmo tempo, ela amplia os referenciais da criança, introduzindo-a a novas ideias, valores e sentimentos. Tudo isso faz parte da magia que uma boa história tem o poder de proporcionar, criando um momento de conexão e alegria genuína.

Assim como o humor ajuda a criar uma conexão emocional com as histórias, tornando-as mais memoráveis e impactantes. Além disso, permite que as crianças se divirtam e vejam o mundo de maneiras novas e diversas, livre de preconceitos e estereótipos. Abramovich (2009) define o humor como uma maneira de ver o mundo sem preconceitos, sem estereótipos, e de oferecer novas percepções. O humor não se resume em contar piadas ou fazer comentários bobos.

Os contadores de histórias que conseguem envolver os ouvintes nessa perspectiva, são aqueles que proporcionam às crianças novas maneiras de ver e pensar sobre o mundo. Eles fazem isso se divertindo e surpreendendo. Esse tipo de humor criativo e instigante não só faz as crianças rirem, mas também pensar, perguntar e considerar que existem diferentes formas de enxergar e viver a vida, uma forma rica de desenvolver o pensamento criativo.

Quando um contador de histórias começa a narrar, não apenas está trazendo consigo palavras e informações, mas um mundo inteiro de emoções e imaginações. Ele dá vida aos cenários, aos personagens, envolvendo o público nas mais diversas aventuras. Na contação oral, muitas vezes, são utilizados recursos como fantoches, dedoches, objetos não estruturados, outras vezes não se utiliza nenhum recurso, além da voz e da desenvoltura do contador.

Contar histórias com objetos não estruturados, é uma maneira de ressignificar objetos, utilizar qualquer apetrecho comum ou utensílios do cotidiano para produzir uma história, leva as crianças a pensar e imaginar de forma criativa. Transformar um cabo de vassoura no cavalo do príncipe ou uma simples caixa no castelo encantado, se tornar uma forma de inspirar narrativas únicas ou improvisadas, permitindo uma conexão emocional com alguma narrativa ou com as histórias que criam.

Cada história ganha um cenário imaginário, é uma experiência que além de entreter, cria relação entre contador e ouvinte. É um embarque para suscitar o imaginário, refletir, emocionar e se cativar.

Contar história é viajar no tempo, ir além dos livros, há histórias por todas as partes, seja nos livros, nos jornais, revistas, computador, na TV, histórias narradas, escrita e ilustrada, elas têm o poder de encantar, emocionar, amedrontar, fazer rir ou até chorar, têm o poder de nos transportar para qualquer lugar, alcançam todos os públicos, todas as idades e principalmente o público infantil.

Nas primeiras experiências em espaços escolares, ou seja, desde a educação infantil, as histórias podem ser apresentadas às crianças tanto na forma leitura como na contação. O contato com os livros proporciona às crianças o poder de aguçar o olhar, sentir as texturas, observar as imagens, desenvolver a linguagem verbal e não verbal, compreender a escrita como uma maneira de registrar aquilo que pensamos, falamos, pois, por exemplo, quando se lê um conto, uma fábula, a história é a mesma, a escrita do roteiro não muda.

A contação vai além do que está escrito, por ser cultural, transmitida de geração para geração, sem um suporte técnico, estrutural, as narrativas sofrem muitas transformações, na contação, as histórias nos dão liberdade para o imprevisto para agregar elementos, nunca se conta a mesma história da mesma forma, na contação se despertam os olhares atentos, a imaginação, a curiosidade, emoções, desde alegria até sofrimento e tristeza, se intensificam as formas de expressão e comunicação e os sentimentos das crianças, proporcionando participação ativa, estimulando a liberdade vocal, facial e corporal.

Diante do exposto acima, fica evidente, as diferenças da leitura e da contação de histórias e suas particularidades. Ambas se constituem como ferramentas essenciais no espaço escolar, atuando no desenvolvimento da imaginação, do

pensamento crítico e da cultura, cada uma enriquecendo a maneira como nos relacionamos com as narrativas.

Considerações finais

A literatura infantil no Brasil, ainda que tenha surgido tardiamente em comparação com a europeia, desenvolveu-se de maneira significativa e desempenha um papel crucial na formação cognitiva e emocional das crianças. Este artigo abordou brevemente o surgimento da literatura infantil, como a produção literária voltada ao público infantil se consolidou em resposta às transformações sociais e econômicas.

A análise das práticas de leituras na pré-escola revelou que tanto a leitura como a contação de histórias são estratégias essenciais para o desenvolvimento integral das crianças. A leitura promove a ampliação do repertório de textos escritos e o enriquecimento do vocabulário que vai além de unicamente reconhecer palavras ou frases. Assim também, a contação de histórias, ao utilizar a oralidade, estimula a imaginação, a criatividade e o vínculo afetivo entre contador e ouvintes. Ambas as práticas se complementam e oferecem vários benefícios que contribuem para o crescimento emocional e intelectual das crianças pequenas.

Neste contexto, é fundamental que educadores, pais e responsáveis reconheçam a importância da participação da criança em momentos de contação e de leitura nas suas vivências com as crianças e incorporem tais práticas em suas relações cotidianas com os pequenos. A escolha de obras que evitam estereótipos e promovam a diversidade cultural é igualmente essencial para a formação de leitores críticos e conscientes.

Em suma, a literatura infantil, é um instrumento rico e poderoso para o desenvolvimento integral das crianças, ela inspira e transforma, sendo fonte inesgotável para a compreensão do mundo. Ao promover o prazer pela leitura desde os primeiros anos de vida, contribuimos para o desenvolvimento de indivíduos mais reflexivos, críticos e preparados para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. A continuidade deste investimento cultural e educacional é crucial para o futuro das próximas gerações.

Referências

Abramovich, F. (2009). Literatura infantil gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione.

Colomer, T. As crianças e os livros. In: Crianças como leitoras e autoras. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica -1. ed.- Brasília: MEC /SEB, 2016. 128 p. Coleção Leitura e escrita na educação infantil; v.6, p. 95-124.

Corsino, P. et al. Leitura e escrita na educação infantil: concepções e implicações pedagógicas. In: Crianças como leitoras e autoras. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica -1.ed.- Brasília: MEC /SEB, 2016. 128 p. Coleção Leitura e escrita na educação infantil; v.6, p.11-56.

Freire, P. (1989). A importância do ato de ler. 23. ed. São Paulo: Cortez.

GIL, A.C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1999.

Goulart, C. Mata A. S. da. Linguagem oral e linguagem escrita: concepções e inter-relações. In: Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil: práticas e interações. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica. 1.ed., Brasília: MEC/SEB, 2016, Coleção Leitura e escrita na educação infantil, v.4, p.42-77.

Lajolo, M. & Zilberman, R. (2010). Literatura infantil brasileira: história & histórias. 6. ed. São Paulo: Ática.

Ministério da Educação. CNE/CEB. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, 2010.

Sepúlveda, A.; Teberosky, T. As crianças e as práticas de leitura e de escrita. In: Crianças como leitoras e autoras. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica-1. ed.-Brasília: MEC /SEB, 2016. 128. Coleção Leitura e escrita na educação infantil; v.6, p. 59-93

Zilberman, R. (2012). Literatura infantil na escola. 11. ed. São Paulo: Global.